

**Fascinação e miséria da
comunicação na cibercultura**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura

Ciro Marcondes Filho



Editora Sulina

© Ciro Marcondes Filho, 2012

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Matheus Gazzola Tussi

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

M321f Marcondes Filho, Ciro
 Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura / Ciro
 Marcondes Filho . — Porto Alegre: Sulina, 2012.
 183 p.

ISBN: 978-85-205-0651-6

1. Comunicação. 2.Sociologia da Comunicação. 3. Meios de
Comunicação. 4.Cibercultura. 5. Ciências Sociais. 5. Jornalismo.
1. Título.

CDU: 316.77

CDD: 301.14

302.23

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
Fax: (0xx51) 2364.4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Agosto/2012

Para Lauren Ferreira Colvara

Sumário

Introdução.....	9
1. Winnicott e a questão da não comunicabilidade	15
1a. A comunicação significativa é silenciosa	15
1b. O espaço transicional, Merleau-Ponty e o metáporo	22
2. José Gil, as patologias e a comunicação de inconscientes.....	27
2a. “Ligações estranhas”	27
3. A questão técnica	37
3a. O que está além dos <i>media</i>	37
3b. A comunicação no universo ciber	44
3c. Sentido intercultural, ensino e ciência.....	49
4. A questão filosófica.....	59
4a. Um mundo “zerado”	59
4b. A questão do poder	69
4c. Tecnologia do imaginário e o <i>continuum</i> mediático	73
4d. Metáporo ou sociologia compreensiva?	76
5. Pensamento, linguagem e os <i>chats</i>	85
5a. A crise da metafísica operada pela cibercultura.....	85
5b. A comunicação pelo ruído	91
5c. Uma língua dentro de outra língua.....	101
5d. Os sucedâneos do olhar e do rosto na Net	111
6. Ligações, comunidades e interatividade.....	117
6a. Ligações narcísicas e totalitárias.....	117

6b. Da interatividade.....	126
6c. A questão do sentido.....	130
7. Da alteridade.....	135
7a. Diferença e repetição.....	135
7b. Da alteridade.....	144
7c. O reinado feliz do meu ego.....	154
8. A questão estética.....	165
8a. Sobre a estética do ciberespaço.....	165
Referências bibliográficas.....	173
Do mesmo autor.....	181

Introdução

A cultura que se cria na web é fascinante e, ao mesmo tempo, miserável. Fascinante porque nos envolve em seus tentáculos, tornando-nos servos desse novo grande senhor dos tempos eletrônicos. A técnica, já dizia o velho Heidegger, não só realiza plenamente aquilo que nenhuma religião conseguiu, a saber, o envolvimento de todo o planeta em sua rede, mas também funda uma época, impõe um único modo de pensar, coloca tudo a seu serviço. Por isso, vários pensadores se perguntam: pode haver algum mundo além da internet? Difícil responder.

Fato é que o mundo digital ou a chamada cibercultura veio para ficar, e cabe a nós, pensadores da comunicação, avaliar que efeitos provoca, quem é o novo homem que é aí engendrado, que transformações na cultura, na política, na sociedade, enfim, em nossas vidas ela está provocando; verificar o que é espetacular, assim como o que é preocupante.

Em verdade, ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a esse diagnóstico. Não por incapacidade, nem por considerá-lo menor, mas, simplesmente, pela própria rapidez com que as coisas são incorporadas, pela velocidade vertiginosa da mudança tecnológica, pelo desassossego que traz às vidas acostumadas à avaliação cautelosa, cuidadosa, ponderada.

Pois bem, nos propusemos a um estudo do estado de coisas no mundo ciber. Voltamo-nos à questão da técnica, da introdução de novos modos de pensar, da nova linguagem imposta pelas trocas comunicacionais na rede, da relação com as comunidades sociais físicas, da alteridade e da estética.

Este livro é o resultado de um semestre inteiro dedicado à reflexão do que significa, para nós, bilhões de terráquios, esta rede que nos captura a todos, que nos leva, que nos transporta para mundos virtuais, não imaginários, mas imateriais, onde coisas efetivamente aconte-

cem e, em muitos casos, com virulência bem mais efetiva do que no nosso moroso e monótono mundo dito “real”. Sim, porque, ao que tudo indica, o mundo das sensações, das emoções, das vivências plenas, dos relacionamentos, da sexualidade *está em outro lugar*.

A obra começa com uma provocação. Fomos apelar para fontes pouco utilizadas em teorias da comunicação para tentar abordagens outras, não tão conhecidas, menos desgastadas. Assim, buscamos em Donald W. Winnicott a teoria de que nosso status comunicacional é ambíguo, queremos e não queremos nos comunicar, há em nós tanto um *espaço reservado*, que precisa manter-se protegido do universo circundante, como uma necessidade de nos apresentarmos ao mundo, num contexto de espaço transicional, conceito esse que precisa ser incorporado aos estudos de comunicação. O psiquiatra e pedagogo inglês acreditava que a comunicação era algo que se deve esperar acontecer, um evento ao qual tem que se dar a chance de surgir.

Diferente não é a opinião do filósofo português José Gil. Ampliando o universo de Winnicott, Gil fala da *atmosfera* que envolve os agentes em processos comunicacionais, ambiente esse que aproxima os corpos, favorece a osmose inconsciente das pessoas. No dizer dele, imagem e máquinas, captando as subjetividades, ampliam consideravelmente, através das tecnologias comunicacionais, o poder de segregar atmosferas, de fascinar. Neste caso, as máquinas não são “de desejo”, mas objetos-fetichismo emissores de desejo. No plano subjetivo, seres humanos comunicam-se simbioticamente por uma espécie de “correia de transmissão”, que liga seus pensamentos. Mas no plano maior da cibercultura, continua Gil, uma “placa vibrátil” – a máquina-computador – captura infinitos inconscientes dos agentes a ela conectados, lhes envia impulsos e estes reagem às ordens imperativas da máquina.

A discussão sobre a relação homem-máquina foi sensivelmente transformada a partir da II Guerra Mundial, especialmente pelos teóricos da cibernética de 2ª. ordem, nos Estados Unidos. Diferente das concepções originais de Wiener, Von Neumann e Shannon, que eram eminentemente técnicas, Heinz von Foerster, Humberto Maturana, Gregory Bateson e seus seguidores (os conexionistas, os

teóricos da complexidade) destacam a importância dos agentes, do relacionamento humano, dos jogos comunicacionais. Surge daí um novo olhar, uma nova crítica à tecnologia, buscando sair da postura eminentemente tecnocrática e destacando a *dimensão ética* dos processos comunicacionais.

Nesse aspecto, a crítica da técnica abandona Heidegger para seguir Emmanuel Levinas. Este fala do *rostro*, ou seja, da dimensão que implode com o fechamento técnico e nos abre para aquilo que ele chamava de *infinito*, campo liberto do enclausuramento dos estruturalismos e da totalidade dialética. Ou seja, a proposição é de que há vida inteligente e respirante além da técnica...

Quando se fala da técnica, fala-se também, quase sempre, da capacidade de ensinar e aprender com as máquinas. Mas, se mantida em parâmetros clássicos, a prática do ensino e da aprendizagem não levará ao conceito de “aprender com o aprendente”, pois os estudantes possuem uma história pessoal que se não for compartilhada com o ensinante tornará o ensino um ato de autoridade. Ora, como isso se dá em presença do computador? Talvez seja melhor sem ele, diz Finkielkraut, pelo menos quando não se trata de consulta ou redação, mas de interação direta com o professor. Esse autor acha que os estudantes deveriam se desconectar, se separar, e não se colocar na rede também quando se trata de produção de material criativo e autônomo.

Mas a questão filosófica da cibercultura propriamente dita aparece no Capítulo 4, quando Paul Soriano se questiona que mundo é esse que a rede mundial dos computadores está construindo. E ele sugere a resposta. Trata-se de um “mundo zerado”: zero demora, zero estoque, zero memória, zero cultura, zero identidade, zero instituição, zero política, zero real. Tudo se constrói e se destrói ao toque de uma tecla. O tempo e a duração são suprimidos. Cada coisa é um fluxo contínuo sem começo nem final. Além disso, adverte ele, vivemos hoje uma nova coerção: a obrigação de estarmos conectados permanentemente.

Isso quer dizer que a nova sociedade, estruturada em bases tecnológicas e digitais, reconfigura a questão do poder. Em vez de gover-

nantes, chefes, ditadores, a nossa nova submissão seria a submissão às máquinas: todos devemos estar “de prontidão”, disponíveis. Uma rebelião contra a ditadura da acessibilidade é algo improvável, mas até que ponto podemos exercer o direito de nos desconectar?

Ou então: em que medida é ainda possível um pensamento autônomo, livre, original, num contexto em que as regras estão estabelecidas, os contornos colocados, as possibilidades não têm como transgredir os muros do instituído? Katharine Hayles acha que é possível, em boa medida, e comenta, no capítulo 5, o fato de pessoas praticarem subversão manipulando a linguagem na rede. Citando a página *Lexia to Perplexia*, ela diz que estaria surgindo daí um outro inglês, mistura de crioulo com linguagem de computação, que faz nascer novas combinações, novos sentidos, um posicionamento anarquista na internet.

É dessa forma também que o pesquisador Marco Bastos trabalha os *chats*, investigando a figura do *zapeur* (zapeador, atualização do antigo *flâneur*), que vive de velocidade e provocação. Atuando num tipo de terrorismo conversacional, Bastos vê aí algo de criativo: diante da hipertelia informática é possível que surjam fatos neguentrópicos. O signo perde o referente e gera outros signos, numa dinâmica que não comporta a tríade semiótica, pois, segundo o autor, ele descarta o referente e mesmo o significante tem importância reduzida. O sentido, assim, desliza e não se deixa jamais fixar. O importante não são as palavras, mas o *frisson* da batalha, onde operam as curvas de retroalimentação de Douglas Hofstadter.

E como fica a relação do usuário com a comunidade circundante? Será que as redes sociais realizam, de fato, aquilo que conseguiam no passado a mobilização social de ruas, os movimentos de pressão, a agitação organizada e vinculada a partidos? Ou será que elas, como sugere Bragança de Miranda, no capítulo 6, estimulam tanto a liberdade quanto a diluição da vontade?

As redes sociais têm usos diversos. Para muitos, elas ampliam a xenofobia e as segregações; para outros, elas congregam positivamente. Além disso, elas vivem de certas utopias. Não como as do passado, utopias de contraste, mas como “utopias de preenchimento”, em

que se imagina uma comunicação direta, sem mediações, espontânea. Ora, mas o fato é que não é esse o nó central da questão: na verdade, nas redes não se está buscando fluxo direto de mente a mente, mas o confronto sem mediações com a hipertelia informativa, que neutraliza todas as intenções comunicacionais. A luta é outra.

O conceito de interatividade sofre da doença do saudosismo dos enfrentamentos clássicos. Nele se questiona a real capacidade de vincular pessoas e ações. Autores como Brian Massumi acham que, do ponto de vista ideal, o que deveria ser favorecido seria a “relacionalidade”: se a interatividade é um mero vaivém previsível, a relacionalidade, diz ele, tem a ver com o nascimento das sensações, realiza-se no imediato, não na mediação.

De qualquer forma, apesar da proximidade, não é muita coisa que pode ser compartilhada na comunicação; as pessoas permanecem fechadas em seu íntimo. A mente de cada um é e sempre será uma caixa preta, apesar de Alex Primo achar que não, que isso é “retrocesso” nos estudos comunicacionais.

A questão mais séria, contudo, em toda essa discussão das possibilidades comunicacionais na rede, é a da alteridade, que aparece no penúltimo capítulo: afinal, quem é o Outro da comunicação? Há esse Outro? É, de fato, importante o não Eu para quem opera com imagens, com avatares, com personagens que podem ser computadores camuflados de seres humanos?

O Outro é aquilo que marca a diferença, portanto, aquilo que permite a comunicação. Não havendo Outro, estamos condenados a nos mantermos definitivamente fechados em nós mesmos. Ángel Gabilondo, nesse caso, cria a categoria da “diferença insignificante”, que é a abertura para o múltiplo, a irrupção do outro: *o Outro é aquela que nos torna insignificantes.*

É sabido que as sociedades contemporâneas tentam neutralizar o Outro, ou, pelo menos, neutralizá-lo como *desafio*. O Outro, no caso, é domesticado em nossas páginas da internet, e se torna “bonzinho”, como aquele que nos visita, que nos procura, que vem assistir ao nosso “show do eu”, como diz Paula Sibilia. Para ela, a subjetividade emergente é aquela em que buscamos ser amados, apreciados, em

que saímos na procura desenfreada pela aprovação alheia. Se isso não se dá, é sinal que não estamos vivos. O Eu, para o aficionado pela internet com seus *Facebooks*, *Orkut*s, *blogs*, sites pessoais, é soberano: em vez de procurar o Outro, de se esvaziar para permitir a entrada da alteridade, ele fica à espera que o outro o ache. Terreno do puro narcisismo.

As formas de exposição pela Net incluem a devassa íntima de cada um: vale tudo quando se trata de ser visto, ser visitado, aparecer. Desaparece o segredo, caro a Levinas e à nossa concepção de comunicação. O segredo, que permitia a paixão, uma vez desvendado, torna todos nós figuras triviais e baratas, sem encanto.

É o lado “miserável” da comunicação na cibercultura. Sobre o lado fascinante não é preciso dizer nada, ele já diz por si, já se vende sem necessidade de promoção. E nós, meros usuários, “diferentes insignificantes”, rastejamos por migalhas de uma comunicação desaparecida ou rarefeita como o oxigênio no pico das montanhas. Mesmo que pouco, precisa ser respirado para nossa sobrevivência. Nossa e da humanidade inteira.

Granja Viana, março de 2012.